

Eça, jovem escritor, que não publicara ainda nenhum romance, envia para a redação da revista *Ocidental*, dirigida por Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, o manuscrito d'*O Crime do Padre Amaro*, acertando que corrigiria as provas; aqueles, falhos de colaborações decidem, sem demora, publicar o romance. Eça escreve a este último amigo:

Acabo de receber a tua carta e estou verdadeiramente indignado. Pois quê! Eu dou-vos um *borrão* de romance – e vocês em lugar de publicar o romance publicam o *borrão*!

(...) Se vocês publicaram a primeira parte – tal qual eu a li – nas provas que me mandaram – podem-se gabar de que publicaram a maior borracheira de que a estupidez lusitana se pode gloriar.

É indispensável que V.V. façam uma declaração – dizendo – que estando eu em Newcastle – e não tendo podido corrigir as provas, o romance sai tal qual está no *borrão*. (...)

Ora V. V. pilham-me numa ocasião em que eu não penso nem cismo senão em arte, em estilo e em cor: estou portanto com a vaidade literária em brasa – (...) eu não sou um moralista: sou um artista; o artista é um ser nefasto – que não é responsável pelas suas fantasias, nem pelas suas vinganças. Sou ofendido na minha estética – vingó-me. (...) Estou doente de indignação. Se aqui tivesse o Antero, estrangulava-o.

O Antero é o maior crítico da Península mas entende tanto de arte – como eu de mecânica. O Antero dirigindo a publicação do *Padre Amaro* é simplesmente horrível (...).

Carta a Jaime Batalha Reis - Newcastle, 26 de fevereiro de 1875

Remeto-lhe amanhã *Mistérios da Estrada de Sintra* emendado, quase refeito. *Je me suis tenu à quatre pour ne pas faire un nouveau roman*. Fatal tendência para refazer livros velhos.

Carta a Ramalho Ortigão - Porto, 20 de julho de 1883

A curiosidade em torno dos jantares dos *doze de Bragança* foi grande. Fialho de Almeida dedicará ao assunto, n'Os Gatos (março-junho de 1890), um texto mal humorado no qual reduz o grupo a *Dúzia e meia de ratões que se ajuntaram para envelhecer*, os quais apenas pretenderiam jantar, sendo que *Um terço é célebre, o outro dá-se ares de o ser, e enfim o último faz um fundo de comparsaria pagante, destinado a valer o talento 'maquillé' dos outros dois*. Peças satíricas serão escritas por Abel Botelho e João Marques da Costa. Celebrizou-se, porém, um artigo de Pinheiro Chagas (*Correio da Manhã*, 23 de março de 1889), porque mereceu uma resposta do punho de Eça:

O que de resto parece irritar o nosso caro *Correio da Manhã* é que se chamem *vencidos* aqueles que para todos os efeitos públicos parecem ser realmente *vencedores*. Mas (...) para um homem ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou – mas do ideal íntimo a que aspirava. Se um sujeito largou pela existência fora com o ideal supremo de ser oficial de cabeleireiro, este benemérito é um *vencedor*, um grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos uma gafurina e a tesoura para a tosquiá-lo, embora atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas. Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou mulheres segundo as circunstâncias), e apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho – ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação.

“Os vencidos da vida”, *O Tempo*

E nem só a estreia do Ega era péssima; também a sua. (...) Péssimas estreias! Havia seis meses que o Ega chegara de Celorico, embrulhado na sua grande peliça, preparado a deslumbrar Lisboa com as *Memórias dum Átomo*, a dominá-la com a influência de uma Revista, a ser uma luz, uma força, mil outras cousas... E agora, cheio de dívidas e cheio de ridículo, lá voltava para Celorico, escorraçado. Péssima estreia! Ele, por seu lado, desembarcara em Lisboa, com ideias colossais de trabalho, armado como um lutador: era o consultório, o laboratório, um livro iniciador, mil coisas fortes... E, que tinha feito? Dois artigos de jornal, uma dúzia de receitas, e esse melancólico capítulo da *Medicina entre os Gregos*. Péssima estreia!

*Os Maias*

E Ega aludiu a esse futuro do modo mais grato ao coração de Maria. Agora que Carlos se instalava para sempre numa felicidade estável (dizia ele) era necessário trabalhar! E lembrou então a sua velha ideia do Cenáculo, representado por uma Revista que dirigisse a literatura, educasse o gosto, elevasse a política, fizesse a civilização, remoçasse o carunchoso Portugal... Carlos, pelo seu espírito, pela sua fortuna (até pela sua figura, ajuntava o Ega rindo) devia tomar a direcção deste movimento. (...)

– Sem contar, acrescentava o Ega, que o país precisa de nós! Como muito bem diz o nosso querido e imbecilíssimo Gouvarinho, o país não tem pessoal... Como há-de tê-lo, se nós, que possuímos as aptidões, nos contentamos em governar os nossos dog-carts e escrever a vida íntima dos átomos? Sou eu, minha senhora, sou eu que ando a escrever essa biografia dum átomo!... No fim, este diletantismo é absurdo. Clamamos por aí, em botequins e livros, «que o país é uma choldra». Mas que diabo! Porque é que não trabalhamos para o refundir, o refazer ao nosso gosto e pelo molde perfeito das nossas ideias? (...) Vamos fazer disto um *bijou*!...

*Os Maias*

– Sabes tu com quem te pareces às vezes?... É extraordinário, mas é verdade. Pareces-te com minha mãe!

Carlos riu, encantado duma parecença que os aproximava mais, e que o lisonjeava.

– Tens razão, disse ela, que a mamã era formosa... Pois é verdade, há um não sei quê na testa, no nariz... Mas sobretudo certos jeitos, uma maneira de sorrir... Outra maneira que tu tens de ficar assim um pouco vago, esquecido... Tenho pensado nisto muitas vezes...

*Os Maias*

Então Ega perguntou, do fundo do sofá onde se enterrara, se, nesses últimos anos, ele não tivera a ideia, o vago desejo de voltar para Portugal...

Carlos considerou Ega com espanto. Para quê? Para arrastar os passos tristes desde o Grémio até à Casa Havanesa? Não! Paris era o único lugar da Terra congénere com o tipo definitivo em que ele se fixara – : «o homem rico que vive bem». (...) Nada mais inofensivo, mais nulo, e mais agradável.

– E aqui tens tu uma existência de homem! Em dez anos não me tem sucedido nada, a não ser quando se me quebrou o faetonte na estrada de Saint-Cloud... Vim no *Figaro*.

Ega ergueu-se, atirou um gesto desolado:

– Falhámos a vida, menino!

– Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. Diz-se: «Vou ser assim, porque a beleza está em ser assim.» E nunca se é assim, é-se invariavelmente *assado*, como dizia o pobre marquês. Às vezes melhor, mas sempre diferente.

*Os Maias*

Carlos mirava aquelas luvas do Ega; e as polainas de casimira; e o cabelo que ele trazia crescido com uma mecha frisada na testa; e na gravata de cetim uma ferradura de opalas! Era outro Ega, um Ega dandy, vistoso, paramentado, artificial e com pó de arroz – e Carlos deixou enfim escapar a exclamação impaciente que lhe bailava nos lábios:

– Ega, que extraordinário casaco!

Por aquele sol macio e morno de um fim de outono português, o Ega, o antigo boémio de batina esfarrapada, trazia uma peliça, uma sumptuosa peliça de príncipe russo, agasalho de trenó e de neve, ampla, longa, com alamares trespassados à Brandeburgo, e pondo-lhe em torno do pescoço esganiçado e dos pulsos de tísico uma rica e fofa espessura de peles de marta.

– É uma boa peliça, hem? – disse ele logo, erguendo-se, abrindo-a, exibindo a opulência do forro. – Mandei-a vir pelo Strauss... (...).

– Como podes tu suportar isso?

– É um bocado pesada, mas tenho andado constipado.

Tornou a recostar-se no sofá, adiantando o sapato de verniz muito bicudo, e, de monóculo no olho, examinou o gabinete.

*Os Maias*

– Quantos males te esperam, oh desgraçado! Antes ficasses para toda a imortalidade, na minha ilha perfeita, entre os meus braços perfeitos...

Ulisses recuou, com um brado magnífico:

– Oh Deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!

E, através da vaga, fugiu, trepou sofregamente à jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias – para a delícia das coisas imperfeitas!

*A Perfeição*

a ilusão (...) é tão útil como a certeza: e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas como os Problemas de Euclides.

*A Correspondência de Fradique Mendes*

«A egoísta ocupação do meu espírito hoje (...) consiste em me acercar duma ideia ou dum facto, deslizar suavemente por dentro, percorrê-lo miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as surpresas e emoções intelectuais que ele possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcela de verdade que exista nos seus refolhos – e sair, passar a outro facto ou a outra ideia, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades de um país de arte e luxo. (...) Temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*.»

*A Correspondência de Fradique Mendes*

... uma múmia histórica, o corpo verídico e venerável de Pentaour, o bem-adorado escriba ritual do Templo de Amnon em Tebas, o cronista de Rameses II. Mandara-o vir de Paris para dar a uma senhora (...) ... Mas, apesar de esforços sagazes, não conseguia arrancar o defunto letrado aos armazéns da Alfândega – que ele enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcara, enfaixado dentro do seu caixão, a Alfândega aterrada avisou a polícia. Depois, calmadas as desconfianças dum crime, surgira uma insuperável dificuldade: – que artigo da pauta se poderia aplicar ao cadáver de um hierogramata do tempo de Rameses? Ele Fradique sugerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a múmia, sem ligaduras e sem inscrições, dum arenque que viveu? Ter sido um peixe ou um escriba nada importa para os efeitos fiscais.

*A Correspondência de Fradique Mendes*

(...) perguntei àquele «feroz insatisfeito» que prosa pois concebia ele, ideal e miraculosa, que merecesse ser escrita. E Fradique, emocionado (porque estas questões de forma desmanchavam a sua serenidade) balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza – e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma...»

– Enfim – exclamei – uma prosa como não pode haver!

– Não! – gritou Fradique – *uma prosa como ainda não há!*

*A Correspondência de Fradique Mendes*



No 202, todas as manhãs, (...) [Jacinto] banhado, barbeado, friccionado, envolto num roupão branco de pêlo de cabra do Tibete, diante da sua mesa de toilette; toda de cristal (por causa dos micróbios) e atulhada com esses utensílios de tartaruga, marfim, prata, aço e madreperla que o homem do século XIX necessita para não desfear o conjunto sumptuário da Civilização e manter nela o seu Tipo. As escovas (...) havia largas como a roda maciça de um carro sabino, estreitas e mais recurvas que o alfanque de um mouro, côncavas, em forma de telha aldeã; pontiagudas, em feitio de folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem penugem de rola! (...) E assim, em face ao espelho emoldurado de folhedos de prata, permanecia este Príncipe passando pêlos sobre o seu pêlo durante catorze minutos.

*A Cidade e as Serras*

Não eram certamente confissões enunciadas. (...) Eram apenas expressões saciadas; (...) e sobretudo aquele murmurar que se tornara perene e natural: «Para quê?» – «Não vale a pena!» – «Que maçada!...» (...)

– Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo?

O venerando preto declarou com uma certeza imensa:

– Sua Excelência sofre de fartura.

Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: – e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a «delícia de viver», ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipóia fácil. Pobre Jacinto!

*A Cidade e as Serras*

Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara. E já não deslizava a mão desencantada sobre a face – mas batia com ela triunfalmente na coxa. Que sei? Era um Jacinto novíssimo. (...)

– Caramba, Jacinto, mas então...?

Ele encolheu jovialmente os ombros realargados. E só me soube contar, trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de pó o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes, depois de se lavar numa dorna, e de enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como desanuviado, desenvencilhado! Almoçara uma pratada de ovos com chouriço, sublime. Passeara por toda aquela magnificência da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mandara ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E ali estava...

*A Cidade e as Serras*

Jacinto, que agora tinha dois cavalos, todas as manhãs cedo percorria as obras, com amor. E eu, inquieto, sentia outra vez latejar e irromper no meu Príncipe o seu velho, maníaco furor de acumular Civilização! O plano primitivo das obras era incessantemente alargado, embelezado. (...) Não me espantei mesmo, quando ele uma manhã me declarou que aquela porcaria da gente do campo provinha de eles não terem onde comodamente se lavar, e que por isso andava pensando em dotar cada casa com uma banheira. (...) – E além destes confortos, a que o João, mestre de obras, com os olhos loucamente arregalados, chamava «as grandezas», Jacinto meditava o bem das almas. Já encomendara ao seu arquitecto, em Paris, o plano perfeito de uma escola, que ele queria erguer, (...) também criaria uma biblioteca, com livros de estampas, para entreter, aos domingos, os homens a quem já não era possível ensinar a ler. Eu vergava os ombros, pensando: «Aí vem a terrível acumulação das Noções! Eis o Livro invadindo a Serra!» Mas outras ideias de Jacinto eram tocantes, – e eu mesmo me entusiasmei, (...) com o seu plano de uma creche, onde ele esperava ter manhãs muito divertidas vendo as criancinhas a gatinhar, a correr tropegamente atrás de uma bola.

*A Cidade e as Serras*